CENEX-FALE UFMG – EXAME DE PROFICIÊNCIA EM PORTUGUÊS PARA PROCESSOS SELETIVOS DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

ÁREA 4 – LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar?

Décio Rocha (Uerj - CNPq)
Del Carmen Daher(UFF - CNPq)

Muito se tem falado de linguística e linguística aplicada na busca de um critério qualquer que autorize uma distinção nítida entre ambas. O que não é tarefa simples e sempre provoca alguma decepção pela impossibilidade de uma "definição redentora". Um caminho mais promissor seria, talvez, indagar o que os praticantes dessa linguística aplicada vêm fazendo dela ao longo do tempo; talvez ela não seja necessariamente nem isso nem aquilo; mas é bem possível que possamos encontrar uma forma de descrever de que modo ela (vem) funciona(ndo). Só assim, parece-nos, poderemos ter alguma pista do que desejamos construir como linguística aplicada e, nesse caso, ela será não a manifestação de alguma ideia essencial, mas aquilo que puder ser determinado pela vontade daqueles que a praticam, sem que se delimite de antemão o caminho a ser percorrido. Nesse caso, já contaremos então com uma vantagem: a linguística aplicada não estará submetida às falácias dos especialismos que assombram as chamadas "ciências puras", quando os avanços de um dado domínio vão sendo acompanhados por um número cada vez menor de pessoas - situação que G. Bernard Shaw avaliou jocosamente ao definir o especialista como sendo "um homem que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, e por fim acaba sabendo tudo sobre nada", e que reencontramos sob a pluma de (SANTOS, 2010):

> Na ciência moderna o conhecimento avança pela especialização. O conhecimento é tanto mais rigoroso quanto mais restrito é o objeto sobre que incide. Nisso reside, aliás, o que hoje se reconhece ser o dilema básico da ciência moderna: O seu rigor aumenta na proporção direta da arbitrariedade com que espartilha o real. (...) É hoje reconhecido que a excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado e que isso acarreta efeitos negativos. (SANTOS, 2010: p. 73-74)

Reduzir o presente debate a uma investigação da distância que separa linguística e linguística aplicada implica permanecer prisioneiro das dicotomias excludentes que são fruto da modernidade: ou isto, ou aquilo. Ora, tais dicotomias estão presentes na reflexão de Bohn (2005) sobre o desafio a que se refere Santos:

> ... escavar no lixo cultural produzido pelo cânone da modernidade ocidental para descobrir as tradições e alternativas que foram dele expulsas; escavar no colonialismo e no neocolonialismo para descobrir nos escombros das relações dominantes entre a cultura ocidental e outras culturas outras possíveis relações mais recíprocas e igualitárias. (SANTOS, apud BOHN, 2005, p. 22)

Eis, deste modo, o que anima a reflexão de Bohn no que diz respeito ao que se espera de uma linguística aplicada hoje: que ela faça "um esforço para convidar estas alternativas expulsas a participarem da construção de uma melhor compreensão das relações humanas, dos comportamentos e das aprendizagens" (BOHN, 2005: p. 22).

E quais foram precisamente as alternativas que foram expulsas? Sustentaremos, acompanhando (RAJAGOPALAN, 2006), que o que se expulsou foi certo sentido mais denso de social. Segundo o autor, a linguística teórica não se preocupa com o social, ou o relega a segundo plano: "Mesmo quando a questão social é invocada, é como se o social entrasse como acréscimo a considerações já feitas sobre o indivíduo concebido 'associalmente'." (RAJAGOPALAN, 2006: p. 157). O autor justifica seu ponto de vista mencionando a existência de subáreas hifenadas como prova desse interesse secundário pelo social. Para nós, se concordamos que a linguística dita teórica fez uma ideia rasa do social, não nos parece suficiente o modo pelo qual a linguística aplicada vem pensando esse social.

.....

A denominação "ciência aplicada" surge inicialmente em língua inglesa em 1817, na obra *Discurso sobre o método*, do escritor inglês Samuel Coleridge. O termo era utilizado em uma acepção muito específica, tendo em vista ter sido extraído do contexto em que fora utilizado por Kant[1]: enquanto "ciência pura" remetia ao conhecimento *a priori*, ciência aplicada era o conhecimento *a posteriori*, ou seja, todo e qualquer conhecimento cujo conteúdo fosse de base empírica. Na realidade, o sentido de ciência aplicada de então abarcava tudo o que hoje consideramos como ciência.

Em 1851 tem lugar em Londres a Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de todas as Nações. É precisamente por volta de meados do século XIX que a expressão "ciência aplicada" começa a significar "conhecimento voltado para usos e resultados práticos (BUD, 2012, apud DOUGLAS, 2013). A ciência aplicada era então concebida como independente de qualquer forma de trabalho predominantemente teórico, sendo por vezes descrita como a "união de ciência e arte" (LUCIER, 2012). Foi essa ciência aplicada autônoma que, a partir de 1870, motivou, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, a defesa da então chamada ciência pura, cuja reivindicação de base por mais verbas públicas e privadas respaldava-se no fato de que a ciência pura, sem qualquer compromisso com a ideia de utilidades práticas, era quem tornava possível a existência da ciência aplicada. O que parecia estar em jogo por essa época, então, era, por um lado, a preocupação com a corrupção do caráter e, por outro, as reais possibilidades de comercializar conhecimento científico, segundo registra (LUCIER, 2012):

> "Pura" era a preferência de cientistas que queriam enfatizar seus motivos não pecuniários e sua distância em relação ao mercado. "Aplicada" era a escolha de cientistas que aceitavam patentes e lucros como outros possíveis produtos de sua pesquisa." (LUCIER, 2012)

Defendendo o primado da ciência pura, posição que ficou conhecida como tese do "modelo linear" (não é possível haver ciência aplicada sem que antes haja ciência pura), temos, por exemplo, o químico A. Williamson e o biólogo T. H. Huxley, na Inglaterra e, nos Estados Unidos, o físico H. Rowland. Em palestra proferida em 1883, Rowland chega a descrever o cientista aplicado como sendo "um obscuro americano que rouba ideias de alguma grande mente do passado e se enriquece pela aplicação dessas ideias a usos domésticos" (ROWLAND, 1883, apud DOUGLAS, 2013).

Eis, desse modo, o que Douglas (2013) denomina "a invenção retórica da ciência pura", segundo a qual o conhecimento puro sempre precede suas aplicações práticas. Em defesa da autonomia da ciência aplicada manifestaram-se profissionais do campo da engenharia, a exemplo de Robert Thurston e Charles Steinmetz, o físico John Billings e também Alexander Graham Bell, que sustentou a tese de que o ideal seria que houvesse coincidência entre o pesquisador e o aplicador. Todos esses esforços, no entanto, foram insuficientes para reverter o prestígio do modelo linear, apesar de todas as demandas de produção de artefatos de utilidade por ocasião da I Guerra Mundial. [...]

Deixando de lado muitos dos episódios que retraçam a história dos embates entre ciência pura e ciência aplicada nessa primeira metade do século XX, gostaríamos aqui de registrar a iniciativa de Vannevar Bush, em *Science: the endless frontier*, relatório redigido em

1945 em resposta a uma demanda formulada pelo presidente Roosevelt que dizia respeito ao futuro da ciência no país. Nesse texto, preferindo o termo "ciência básica" a "ciência pura", Bush reforça a necessidade de investimento por parte do governo em pesquisa básica, o que não constitui uma novidade no velho embate entre ciência pura (ou básica) e aplicada, conforme ficou estabelecido desde a segunda metade do século XIX:

> "Pura" e "aplicada" representaram, desse modo, uma tensão essencial nas relações entre a produção de conhecimento e a busca de lucro em uma sociedade capitalista. (LUCIER, 2012)
> [...]

Chegamos, desse modo, a 1946, ano em que Charles Fries e Robert Lado ministram, na Universidade de Michigan, o primeiro curso de Linguística Aplicada - um curso que esteve centrado no ensino de línguas e na proposta de linguística contrastiva desenvolvida pelos pesquisadores que o ministraram. Com efeito, a experiência acumulada em ensino do inglês como língua estrangeira no *English Language Institute* (ELI), fundado por Fries na Universidade de Michigan em junho de 1941, foi decisiva para a idealização desse curso. O pioneirismo de Michigan na área ainda se deixa perceber no lançamento, em 1948, de *Language Learning: A Journal of Applied Linguistics*, primeira revista a exibir uma referência explícita ao termo "linguística aplicada".

O período é propício para considerações de ordem linguística, tendo em vista a proximidade da II Guerra Mundial e do investimento então realizado no ensino de línguas, a exemplo do "Army Method", base do que ficou conhecido a partir dos anos 1950 como método audiolingual, que combinava a teoria behaviorista da linguagem de Bloomfield, a linguística contrastiva de Fries e Lado, a nova tecnologia dos laboratórios de ensino de línguas e o investimento em pesquisa e treinamento linguístico para fins militares. Segundo Rajagopalan,

> Por mais que se negue no campo da linguística teórica que seus pesquisadores tenham quaisquer vínculos com fins práticos, não resta dúvida de que a guinada formalista sofrida pela disciplina, logo depois da Segunda Grande Guerra, foi diretamente influenciada pelas novas fontes de financiamento. Ou seja, a forma como as pesquisas linguísticas foram conduzidas nessa época foi determinada pelas expectativas criadas em torno de suas possíveis aplicações. (RAJAGOPALAN, 2006: p. 152)

Segundo relata o autor, produz-se uma aproximação entre pesquisadores e agências de fomento no sentido de se privilegiar um tipo de pesquisa de natureza formal, em detrimento de orientações predominantemente sociológicas ou antropológicas. Veja-se, a esse respeito, o que diz, por exemplo, o prefácio de *Estruturas Sintáticas*, assinado pelo próprio N. Chomsky em 1 de agosto de 1956:

> O trabalho sobre a teoria das transformações e a estrutura transformacional do inglês ... foi, na sua quase totalidade, desenvolvido de 1951 a 1955 ...O trabalho foi parcialmente subsidiado pela U.S.A. Army (Signal Corps), pela Air Force (Office os Scientific Research, Air Research and Development Command) e pela Navy (Office of Naval Research); e parcialmente pela National Science Foundation e pela Eastman Kodak Corporation. (Chomsky, 1980: p. 11)
> [...]

Fonte: ROCHA, Décio e DAHER, Del Carmen. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar? In: **DELTA** vol.31 no.1 São Paulo jan./jun. 2015.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-5&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. *Versão On-line* ISSN 1678-460X (Fragmento adaptado).

Questões

1. Relacionada a que questão os autores do artigo utilizam a expressão “definição redentora”? (sugestão: 7 linhas)

2. O que defendem Bohn e Rajagopalan quanto ao que se espera, hoje, de uma linguística aplicada? (sugestão: 12 linhas)

3. Qual é a noção de “ciência aplicada” defendida no século XIX? (sugestão: 4 linhas)

4. Que pontos de vista nortearam o embate, na primeira metade do século XX, entre os defensores do modelo linear e os da autonomia da “ciência aplicada”? (sugestão: 14 linhas)

5. Qual é o sentido de ciência evidenciado no depoimento de Bush em que ele reforça a necessidade de investimento, por parte do governo, em pesquisa básica? (sugestão: 4 linhas)